

Conferência da Primavera “Pequenas e Médias Empresas”

Comissão de Assuntos Económicos, Inovação e Energia

10 de Maio de 2010 – Assembleia da República

Notas de reflexão

António Marques, Presidente da AIMinho – Associação Empresarial

> O tecido empresarial português distribui-se essencialmente por sectores de actividade “não protegidos” e totalmente expostos à concorrência internacional. São Pequenas e Médias Empresas que denotam algumas fragilidades que se transformam frequentemente, sobretudo em momentos de tensão financeira como a que vivemos, em verdadeiros “calcanhares de Aquiles”, como por exemplo estruturas de gestão básicas ou insuficientes, falta de “músculo” financeiro e organizações descapitalizadas.

Por outro lado, a maioria das PME - grande parte de origem familiar - são avessas ao risco e não apostam na qualificação dos seus recursos humanos, quer ao nível dos seus colaboradores, quer mesmo, e talvez principalmente, ao nível dos seus quadros de gestão e de liderança. A crise financeira veio, de facto, relevar todas as fragilidades das empresas e da economia envolvente, provocando um impacto “assustador” na competitividade das PME e do País em geral.

Por esse motivo, é fundamental contrariar os efeitos da crise financeira acelerando o processo de mudança de paradigma. É preciso apostar nas empresas e apostar bem. Nas pessoas, na capacidade de gestão e de liderança, no rigor técnico, no reforço financeiro e da sua capacidade de investimento, sempre tendo em vista mais emprego e mais produtividade. Os desafios são exactamente esses: o crescimento económico e o esbatimento acelerado do desemprego.

> Em 2009 verificou-se um aumento substancial das decisões de Declarada a Insolvência pelo Tribunal de cerca de 49% em relação a 2008. Encerraram em 2009 1251 empresas, sendo que foi solicitada ou requerida a insolvência a mais de 3.000 empresas. No total são mais de 4.250 as empresas que ou encerraram ou estão em vias de encerrar.

> No mesmo ano, 2009, constituíram-se menos 15% de empresas em Portugal, o que corresponde uma baixa de 5.000 empresas (35.000 para 30.000) – No Norte morrem mais empresas, mas também são criadas mais empresas, pois existe comprovadamente uma maior dinâmica empresarial.

› De acordo com um Ensaio de duas investigadoras (Alcina Nunes, do Politécnico de Bragança e Elsa Sarmiento da Universidade de Aveiro), que estudaram o período compreendido entre 1985 e 2007, observa-se que 30% das novas empresas criadas no Norte do País morre até aos três anos de vida. A probabilidade de sobrevivência diminui com o aumento do número de anos de actividade da empresa, pois verifica-se que entre o 5º e o 6º ano de actividade, mais de 50% das empresas já encerraram a sua actividade. Após 18 anos de actividade, apenas 20,7% do total de empresas empregadoras permanecem em actividade.

› O “Global Competitiveness Report 2009-2010”, do *World Economic Forum*, revelou que ponderados 12 pilares, Portugal manteve a 43.ª posição no índice global de competitividade, subindo duas posições no pilar da “Inovação”, colocando-se agora na 33.ª posição numa lista de 133 países. No contexto da União Europeia (UE), Portugal manteve igualmente a posição que ocupava na edição anterior (17.ª), situando-se à frente de países como a Itália ou a Grécia.

No entanto, estes dados não são desagregáveis, isto é, era muito interessante ver estes índices também por regiões dos países, pois iríamos ter muitas surpresas. A verdade é que os apoios e os planos de combate à crise económica estão a ser executados de uma forma racional e eficaz noutros países, e no caso de Portugal temos muitas dúvidas. Aliás, a baixa execução do QREN é prova disso. E depois, por outro lado, as políticas públicas têm vindo a sofrer de um síndrome de inclinação geográfica/territorial, isto é inclinam-se para a Região de Lisboa.

A capacidade de vencer constrangimentos está dependente de quatro factores principais: Aumento de produtividade; Agilização e simplificação do relacionamento do Estado com as PME; Adequação dos mecanismos financeiros de apoio à liquidez e ao investimento; e Promoção de uma cultura de inovação e empreendedorismo.

› Os jovens estão menos ousados, têm mais medos e, na verdade, as gerações anteriores não lhes deixaram muitos bons exemplos..... E o empreendedorismo, tal como a inovação, é uma questão cultural. E nós não somos um País que estimula a inovação e o empreendedorismo. Por exemplo, hoje em dia, o ensino superior, e até mesmo as escolas profissionais, estão a tratar as questões da inovação e do empreendedorismo de uma forma séria e competente. Mas não é suficiente. Temos de começar a “moldar” os adultos de amanhã logo na escola primária e no ensino básico, a promover o gosto pela inovação, por essa coisa fantástica que é criar/construir/mudar, e pelo empreendedorismo, estimulando a persistência, a liderança, a capacidade de criar e de ousar, arriscar e ter a consciência absoluta de que falhar não é razão para desistir. Este é um problema cultural que só resolvemos quando fizermos dele uma

questão nacional... Essa é a nossa responsabilidade, deixar um legado aos nossos filhos.

> A AIMinho – Associação Empresarial fez recentemente um estudo sobre empreendedorismo no ensino superior, com a colaboração da Universidade do Minho, da Universidade de Coimbra, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, e concluiu que mais de 50% dos alunos dizem ter uma ideia de negócio que gostariam de explorar, bem como cerca de 80% destes gostariam de apostar na criação da sua própria empresa. Isto é fenomenal. E nós temos que olhar para estas pessoas, com um potencial enorme e com perspectivas de trabalho muito pouco risonhas, e apoiá-los com toda o nosso empenho, conhecimentos e capacidade de dar conforto. Mas para isso é preciso que eles não tenham receio de construir e acrescentar valor, pois a maioria nem sequer tenta...

Uma grande dificuldade que os empreendedores enfrentam é a desadequação dos instrumentos financeiros face a pequenos e recentes projectos. É muito difícil obter financiamento, apesar de ter havido um grande esforço nesse sentido. Quem está no terreno sabe quais são os constrangimentos...

> Medidas concretas

1º Necessidade de medidas imediatas e não imediatas mas coordenadas. Enumerá-las é desnecessário, pois todos as conhecemos.

2º Muitas das medidas não carecem de mais e mais dinheiro, apenas de maior coordenação das políticas e dos organismos que as implementam.

3º O QREN, se o executarmos orientado à competitividade, pode ser um muito relevante apoio.